

6 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO INTERDISCIPLINAR.

Danúsia Arantes F. B. de Oliveira¹

RESUMO: o presente texto, fruto da reflexão e busca da compreensão sobre a produção do conhecimento interdisciplinaridade, partiu da inquietação e indagação da autora e, especialmente, do privilégio do diálogo com o filósofo Japiassu que ainda em vida, ressaltou seu posicionamento, ao considerar a interdisciplinaridade como categoria científica para a produção de conhecimento, assim como, o seu desejo de novos estudos e aprofundamentos sobre tais questões. A partir dessa perspectiva o texto proposto sistematiza um breve diálogo com os autores Japiassu, Fazenda e Lenoir, tendo como ponto de partida para esta reflexão, as seguintes indagações: qual o sentido humano de educar interdisciplinarmente? Qual o possível caminho a percorrer? Qual o legado?

Palavras Chave: Interdisciplinaridade. Produção de conhecimento.

O caminhar na estrada chamada vida nos permite viver conforme desejos, vontades, crenças. Temos o livre arbítrio para caminhar em estradas já construídas. Porém, compreender que a grande riqueza pode estar também, no processo de perceber, sentir, ligar, interligar, integrar e permitir-se. Para Japiassu, o “sentido humano na sua potencialidade de construir uma atitude interdisciplinar frente a vida”, apresenta-se como um possível caminho a ser construído. O resultado? Poderá ser a concretude de respostas para tais indagações: qual o sentido humano de educar interdisciplinarmente? Qual o possível caminho a percorrer? Qual o legado?

Encontrar a estrada pronta, ser levada e, também, caminhar com os próprios pés me permitiu construir labirintos pessoais e profissionais. Em alguns momentos, com saídas aparentemente fáceis e, em outros, com prisões dentro de um cenário obscuro repleto de incertezas e desejo de novas perspectivas. Neste contexto a força motriz sempre foi o amor pela vida! Vida que pode ser vivida no movimento de abrir e fechar muitas caixas aleatórias e simultâneas ou vivida com a sabedoria da atitude interdisciplinar.

Refletir sobre esta questão, tendo a vida como forma real de interligar o ser humano e profissional, me conduziu à inquietações e indagações constantes sobre a estrada, o caminho pelo qual eu percorria num momento de grandes incertezas.

¹ **DANÚSIA ARANTES F. B. DE OLIVEIRA:** Doutoranda do programa Educação/Curriculo da PUC/SP, E-Mail: danusia@ueg.br

O privilégio de ter Japiassu como interlocutor vivo, doce, sereno e generoso, expressou o que hoje tenho como um de seus legados na minha vida pessoal e profissional. Assim, com ele, junto dele e para além dele, foi sábio o suficiente em não me apresentar respostas prontas e acabadas, não abriu portas que me permitisse sair do labirinto que eu mesma havia construído, não foi intransigente ou arrogante, mas humilde o suficiente para dizer de forma competente e singela:

Se quiseres exercer alguma influência no rumo empreendido pela ciência contemporânea, é preciso que tomemos consciência da necessidade de uma ampla ação: uma ação direta tentando dominar os conhecimentos científicos e detectar suas ilusões; uma ação indireta, convertendo-nos e pedagogos capazes de formar aqueles que mudarão o mundo. Para tanto, temos que nos transformar por dentro e, ao mesmo tempo, criar as condições exteriores, tornando possível uma transformação no mundo do saber. Este tipo de atividade constitui uma ruptura no encadeamento do determinismo histórico cego e merece denominação: fazer a história.

Dialogar e refletir com Japiassu sobre as questões postas, elucidou e instigou-me a pensar sobre uma antiga questão que já me acompanhava desde o período da minha formação no curso de pedagogia. Por que razão as ciências, de um modo geral são tão compartimentadas e rigorosamente ensinadas em suas caixas hermeticamente fechadas?

Diante de tal indagação Japiassu evidenciou em seus escritos, especialmente na publicação do livro *Interdisciplinaridade e patologia do saber* (1976), importantes contribuições e referências das bases teóricas da interdisciplinaridade no Brasil. Também destacou a relevância dos estudos desenvolvidos por Fazenda nos últimos 30 anos, dando segmento e aprofundamento ao tema. Instigou-me a refletir sobre – caminhar na estrada já construída ou ousar-me a uma possível construção? Provocou-me pensar sobre os anos da interdisciplinaridade na educação brasileiras, tantas compreensões, inúmeras incompreensões, tentativas, equívocos e grandes desafios.

Irreverente como sempre foi, Japiassu estabeleceu um diálogo provocativo e motivador sobre a real possibilidade de construir um caminho investigativo.

Filha, tenho acompanhado algumas discussões é percebido que a Capes com a sua atual política de pós-graduação tem defendido cada vez mais a questão da interdisciplinaridade. É, e pensar que no final dos anos 60 quase fomos execrados por saber, acreditar e defender esta perspectiva para a educação brasileira. (agosto, 2013).

Afirmar e ao mesmo tempo indaguei - grande verdade! E que interessante estudar esta política, compreender, analisar e escrever cientificamente como esta construção vem sendo elaborada e disseminada no Brasil?

Resposta instantânea do querido e eterno Japiassu “isso é tarefa para você, jovem pesquisadora. Já deixei minha contribuição e agora estou dedicado ao prazeroso exercício de viver e escrever sobre a felicidade”.

“Mas é fundamental que você compreenda que não se trata de uma tentativa nova, recente, pois foi assim também no final dos anos 60, num contexto de mudanças políticas onde o sistema educacional passava por modificações e a questão da interdisciplinaridade foi incorporada à Lei de Diretrizes e Bases Nº 5672/71, influenciando na legislação educacional brasileira. O que também foi replicado na LDB 9394/96 e, não por acaso, a interdisciplinaridade também se apresenta como definição política no Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – PADCT- CNPQ- FINEP”.

Tantos outros trechos dos nossos longos e produtivos diálogos poderiam ser aqui explicitados, mas neste momento desejo destacar a grande contribuição de Japiassu, para o que tenho como objeto de pesquisa no Programa de Doutorado em Educação e Currículo na PUC – São Paulo, na linha de pesquisa Interdisciplinaridade. Meu olhar investigativo e todos os meus esforços e desafios acadêmicos como pesquisadora e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar – GEPI, sob a orientação da professora Ivani Fazenda, estão direcionados ao compromisso do estudo e da compreensão de como tem sido cientificamente estruturado a construção do conhecimento interdisciplinar nos programas de pós-graduação.

Acerca da chegada da interdisciplinaridade no Brasil, Fazenda (1994, p.23) relata que

o eco das discussões sobre interdisciplinaridade chega ao Brasil ao final da década de 1960 com sérias distorções, próprias daqueles que se aventuram ao novo sem reflexão, ao modismo sem medir as consequências do mesmo.

Ainda segundo Fazenda (1994), a interdisciplinaridade nasceu como uma oposição a todo o conhecimento que privilegiava o capitalismo epistemológico de certas ciências, como oposição à alienação da academia às questões da cotidianidade, às organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização e a toda e qualquer proposta de conhecimento que incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção, a uma patologia do saber². (p. 19).

Fazenda (1994, p.10) critica esse aspecto ao afirmar que

Em nome da interdisciplinaridade, todo o projeto de uma educação para a cidadania foi alterado, os direitos do aluno/cidadão foram cassados, através da cassação aos ideais educacionais mais nobremente construídos. Em nome de uma

² Expressão utilizada por H. Japiassu em *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, 1976.

integração, esvaziaram-se os cérebros das universidades, as bibliotecas, as pesquisas, enfim toda a educação. Foi tempo de silêncio, iniciado no final dos anos 50 que percorreu toda a década de 1960 e a de 1970. Somente a partir de 1980 as vozes dos educadores voltaram a ser pronunciadas. A interdisciplinaridade encontrou na ideologia manipuladora do Estado seu promotor maior. Entorpecido pelo perfume desse modismo estrangeiro, o educador se omitiu e nessa omissão perdeu aspectos de sua identidade pessoal.

Considerando esta citação de Fazenda como uma referência importante para a análise do objeto de pesquisa, em especial ao tocante “esvaziamento dos cérebros das universidades e as pesquisas”, o diálogo com os autores Japiassu e Fazenda tornou-se possível, profícuo e prospectivo a respeito da construção do conhecimento nos programas de pós-graduação interdisciplinar.

Inicialmente, o olhar investigativo foi direcionado para os 13 Programas de Pós-Graduação Interdisciplinares instalados no Centro-Oeste do Brasil. Num segundo momento, após considerar o tempo e espaço factível ao desenvolvimento de uma tese de doutorado, o objeto de estudo foi então verticalizado para a análise da política nacional de pós-graduação de cunho interdisciplinar, tendo como referência a experiência para esta análise, o Programa de Doutorado em Ciências Ambientais (Ciamb) da Universidade Federal de Goiás (UFG), implantado em 2002.

Importante destacar que a escolha pelo estudo do Programa de Doutorado em Ciências Ambientais – Ciamb da UFG não foi aleatória, mas fruto de uma reflexão a partir da publicação Interdisciplinaridade em Ciência, tecnologia & inovação (2011), sob a organização dos autores Arlindo Philippi Jr. e Antônio J. Silva Neto.

Vahan Agopyan (2011, p.XIII), Pró-Reitor de Pós-Graduação da USP, ao prefaciá-lo destaca que

é muito bem-vinda a iniciativa da equipe, liderada pelos professores que planejaram e escreveram o livro, o qual se apresenta como um locus propício à geração de reflexões próprias ao âmbito da interdisciplinaridade, em que se colocam desafios epistemológicos – teóricos e metodológicos – para o avanço da produção de conhecimento e inovação.

A publicação encontra-se organizada em três partes fundamentais. Parte 1 – Desafios Teóricos e Metodológicos da Interdisciplinaridade, parte 2 – Práticas e Experiências Interdisciplinares e parte 3 – Interdisciplinaridade no Contexto Institucional e Visões de Futuro. A experiência do Programa de Doutorado em Ciências Ambientais (Ciamb) da Universidade Federal de Goiás (UFG), objeto de pesquisa desse estudo, está sistematizada no capítulo 18, parte 2 da publicação.

Castro e Oliveira (2011, p.531), ao descrever sobre a Experiência multi e interdisciplinar do programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UFG, considerando as bases da concepção original do Programa destaca:

Apesar de nuances, o grupo admitia existir, inclusive entre seus próprios membros, o conceito de interdisciplinaridade, que ainda era muito usado como sinônimo e até mesmo como metáfora de toda interconexão e colaboração entre diversos campos do conhecimento e do saber, dentro de projetos que envolviam tanto as diferentes disciplinas acadêmicas quanto as práticas não científicas; estas incluíam as instituições e os atores sociais diversos.

Ao refletir sobre esta questão é perceptível a contribuição de Morin, (2011, p. 35), com a sua afirmação “o problema teórico da complexidade é o da possibilidade de entrar nas caixas-pretas. É considerar a complexidade organizacional e a complexidade lógica”.

Castro e Oliveira (2011, p.532), registra que “os novos paradigmas como o da complexidade, tinham como objetivo aproximar especialistas de saberes disciplinares para um território comum onde coexistissem, teorias, conceitos e métodos”.

O grupo de pesquisadores do Programa acreditava que a problemática ambiental atual havia colocado em evidência a externalidade das realidades, negando disciplinas de *per sí* na explicação e resolução e removendo pouco a pouco os obstáculos que os paradigmas científicos existentes representavam, de modo a reorientar suas preocupações teóricas, comum – o meio ambiente.

Certo de que é preciso instituir uma cultura pesquisante através do princípio da interdisciplinaridade Japiassu (1992, p.87) apresenta a seguinte afirmação

Creio que o primeiro dever do educador consiste em aguardar um interesse fundamental pela pesquisa e em despertar no educando o espírito de busca, a sede da descoberta, da imaginação criadora e da insatisfação fecunda, no domínio do saber. Porque ele é um “agente provocador” e desequilibrador de estruturas mentais rígidas. O essencial é que o educando permaneça sempre em estado de apetite.

E assim, neste contexto de diálogo e reflexões Japiassu verbalizou importantes contribuições, para estudo que inicialmente se desvelava sobre a produção do conhecimento interdisciplinar em programas de pós-graduação. “A sua afirmação de que a atitude interdisciplinar nos ajuda a viver o drama da incerteza e da insegurança” foi fundamental, para o compromisso acadêmico que assumi com a pesquisadora Fazenda.

Fazenda (1991), afirma que “o desejo de criar, de inovar, de ir além [...]” que permeia todas as práticas interdisciplinares surge como superação de barreiras e dificuldades institucionais e pessoais, para construir outras histórias, outra memória, uma nova prática, dialética e interdisciplinar de formar professores-pesquisadores.

Para Fazenda (1979), a interação é condição para a efetivação da interdisciplinaridade, ela pressupõe uma integração de conhecimentos visando novos questionamentos, novas buscas, enfim a transformação da própria realidade.

A planeamento e encaminhamento da pesquisa aqui apresentada e que se encontra em andamento, conta também, com as importantes contribuições do pesquisador Yves Lenoir apresentado por Ivani Fazenda.

Lenoir (1998, p.48), ao abordar a questão da interdisciplinaridade e da disciplinaridade afirma que:

A perspectiva interdisciplinar não é, portanto, contrária a perspectiva disciplinar; ao contrário, não pode existir sem ela e, mais ainda, alimenta-se dela. Uma tal constatação mostra logo a existência de uma ligação efetiva entre interdisciplinaridade e a didática, que aqui traz fundamentalmente sua razão de ser na descrição do conhecimento que instaura para ensinar.

O compromisso de construir um caminho investigativo teve como ponto de partida o estabelecimento do diálogo com os autores Japiassu, Fazenda e Lenoir, objetivando a delimitação do objeto de pesquisa, assim como, a busca de respostas para tais indagações: qual o sentido humano de educar interdisciplinarmente? Qual o possível caminho a percorrer? Qual o legado? Importante ressaltar que tem sido, também, instigante o desafio de compreender a metáfora “inovação” que por inúmeras vezes, se evidencia na discussão da produção do conhecimento interdisciplinar.

É por isso que o interdisciplinar provoca atitudes de medo e recusa. Porque constitui uma inovação. Como todo novo, incomoda.

Um dos fatores apontados por Japiassu (1976) como obstáculo para que a prática da interdisciplinaridade seja estabelecida com rigor é o fato de existir entre vários especialistas persistentes ignorâncias recíprocas e por vezes sistemáticas.

Japiassu também afirma que “nada será feito de durável se não estiver fundado na adesão apaixonada de alguns e em experiências inovadoras desempenhando o papel catalisadores e núcleos de inovação.

Concluo retomando a fala de Japiassu, carregada de felicidade e exigências “a criação de uma nova inteligência e de uma razão aberta capazes de formar uma nova espécie de cientistas e educadores utilizando uma nova pedagogia e ousando pensar de outra forma. Por isso, o candidato que ingressar nessa aventura deveria preencher vários pré-requisitos”.

Dentre os vários pré-requisitos destacados pelo autor, listo três que são fundamentais e constituíram-se como um legado para o caminho investigativo em plena fase de execução:

Ter a coragem de, no domínio do pensamento, fazer da imprudência um método;

Estar consciente de que ninguém se educa com ideias alheias;

Não cultivar o gosto pelo “porto seguro” ou pela certeza do sistema, porque nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas.

REFERÊNCIAS.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes Fazenda. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Editora Paulus, 2003.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia?** São Paulo. Edições Loyola, 1979.

FAZENDA, Ivani, Catarina Arantes. (Org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 9ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **A atitude interdisciplinar no sistema de ensino**. Ver. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 108, p. 83 – 94, janeiro-março., 1992.

JAPIASSU, Hilton. **A Pedagogia da Incerteza**. Rio de Janeiro :Imago, 1983.

LENOIR, Yves. **Didática e Interdisciplinaridade** uma complementariedade necessária. In: FAZENDA, Ivani (org). **Didática e Interdisciplinaridade**. 9ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4. Ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

PHILIPPI Jr, Arlindo e NETO, Antonio J. Silva. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011.